



Contemporânea

Contemporary Journal

Vol.4 No.4: 01-27, 2024

ISSN: 2447-0961

Artigo

SINALIZAÇÃO TUCUJU: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA DOS SINAIS COMPOSTOS EM LIBRAS NA REGIÃO DE MACAPÁ, AMAPÁ

TUCUJU SIGNALING: A MORPHOLOGICAL ANALYSIS OF THE COMPOUND SIGNALS IN POUNDS IN THE REGION OF MACAPÁ, AMAPÁ

SEÑALIZACIÓN DE TUCUJU: ANÁLISIS MORFOLÓGICO DE LAS SEÑALES COMPUESTAS EN LIBRAS EN LA REGIÓN DE MACAPÁ, AMAPÁ

DOI: 10.56083/RCV4N4-180

Originals received: 03/25/2024

Acceptance for publication: 04/15/2024

Fernando Fernandes da Silva

Doutor em Linguística

Instituição: Universidade de Évora (UÉvora)

Endereço: Évora, Portugal

E-mail: nandofernandesffs@gmail.com

Pedro Balaus Custódio

Pós-Doutor em Letras

Instituição: Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC)

Endereço: Coimbra, Portugal

E-mail: balaus@esec.pt

Maria João Brôa Martins Marçalo

Doutora em Linguística

Instituição: Universidade de Évora (UÉvora)

Endereço: Évora, Portugal

E-mail: mjm@uevora.pt

RESUMO: O presente estudo buscou apresentar e descrever a estrutura e as regras que governam a formação desses sinais variantes, respaldando-se em referências como as obras de Quadros e Karnopp (2004) e comparando com registros de Capovilla (2019). Adicionalmente, obras de Xavier e Barbosa (2014), bem como de Rodero-Takahira (2012, 2015, 2020) foram utilizadas



para aprofundar a análise sobre compostos e morfologia. A metodologia adotada fundamentou-se no princípio de pesquisa em línguas proposto por Paiva (2019), Cervo e Bervian (2002), e envolveu a realização de entrevistas semidirigidas, conversas ambientadas e *inputs* imagéticos documentados em filmagens com 12 colaboradores surdos jovens, em um ambiente controlado, seguindo um roteiro preestabelecido que utilizava aspectos da linguística sociovaracionista cunhada por Labov (2008) e Calvet (2002). Permitiu-se a identificação de variantes tanto no contexto fonológico e morfológico distintos utilizados na região de Macapá, que foram nomeados como "sinalização Tucuju", destacando a riqueza e a diversidade regional na Libras. Conclui-se que existe um vasto campo inexplorado para a pesquisa no domínio morfológico de Libras, principalmente em relação às variantes regionais. Ressalta-se a necessidade de conduzir pesquisas com enfoque variacionista sociolinguístico, visando uma compreensão mais profunda das variáveis sociais, que influenciam a formação e o uso dos sinais em comunidades surdas. Tal iniciativa não apenas enriqueceria o campo de estudos de Libras, mas também facilitaria a documentação e preservação de variantes regionais distintas, valorizando a riqueza e diversidade do patrimônio linguístico brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: variantes, compostos, libras, Macapá.

ABSTRACT: The present study sought to present and describe the structure and rules governing the formation of these variant signs, supporting references such as the works of Quadros and Karnopp (2004) and comparing with records of Capovilla (2019). Additionally, works by Xavier and Barbosa (2014) as well as Rodero-Takahira (2012, 2015, 2020) were used to further analyze compounds and morphology. The methodology adopted was based on the principle of research in languages proposed by Paiva (2019), Cervo and Bervian (2002), and involved the realization of semi-rigid interviews, ambient conversations and imagetive inputs documented in filming with 12 young deaf collaborators, in a controlled environment, following a pre-established script that used aspects of socio-variationist linguistics coined by Labov (2008) and Calvet (2002). It allowed the identification of variants both in the phonological and morphological context distinct used in the region of Macapá, which were named as "Tucuju signaling", highlighting the wealth and regional diversity in Libras. It is concluded that there is a vast untapped field for research in the morphological domain of Pounds, mainly in relation to the regional variants. The need to conduct research with a sociolinguistic variationist focus is highlighted, aiming at a deeper understanding of social variables, which influence the formation and use of signs in deaf communities. Such an initiative would not only enrich the field of studies of Libras, but also facilitate the documentation and preservation of distinct



regional variants, valuing the richness and diversity of the Brazilian linguistic heritage.

KEYWORDS: variants, compounds, pounds, Macapá.

RESUMEN: El presente estudio buscó presentar y describir la estructura y normas que rigen la formación de estos signos variantes, sustentando referencias como las obras de Quadros y Karnopp (2004) y comparando con registros de Capovilla (2019). Adicionalmente, se utilizaron trabajos de Xavier y Barbosa (2014), así como de Rodero-Takahira (2012, 2015, 2020) para analizar más a fondo compuestos y morfología. La metodología adoptada se basó en el principio de investigación en lenguas propuesto por Paiva (2019), Cervo y Berviano (2002), e implicó la realización de entrevistas semirrígidadas, conversaciones ambientales e insumos imaginéticos documentados en filmación con 12 jóvenes colaboradores sordos, en un ambiente controlado, siguiendo un guion preestablecido que utilizó aspectos de la lingüística socio-variacionista acuñados por Labov (2008) y Calvet (2002). Permitió la identificación de variantes tanto en el contexto fonológico como morfológico distintas utilizadas en la región de Macapá, las cuales fueron denominadas como "señalización Tucuju", destacando la riqueza y diversidad regional en Libras. Se concluye que existe un amplio campo sin explotar para la investigación en el dominio morfológico de las libras, principalmente en relación con las variantes regionales. Se resalta la necesidad de realizar investigaciones con enfoque sociolingüístico variacionista, con el fin de profundizar en la comprensión de las variables sociales que influyen en la formación y uso de signos en comunidades de sordos. Esta iniciativa no sólo enriquecería el campo de estudios de Libras, sino que también facilitaría la documentación y preservación de distintas variantes regionales, valorando la riqueza y diversidad del patrimonio lingüístico brasileño.

PALABRAS CLAVE: variantes, compuestos, libras, Macapá.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos principais veículos de comunicação e expressão para a comunidade surda no Brasil,



desempenhando um papel na inclusão social e educacional dessa população. Entretanto, apesar de sua importância e reconhecimento oficial como língua, os estudos sobre suas variações regionais, especialmente no que tange à sua morfologia e formação de sinais, permanecem ainda em estágios iniciais. Neste contexto, o estado do Amapá, situado na região Norte do Brasil, apresenta uma riqueza linguística singular, manifestada através da "sinalização Tucuju¹" (jeito), sinalização característica de falantes dessa região. Essa variedade, com suas especificidades e adaptações locais, reflete não apenas a diversidade cultural e linguística do país, mas também a adaptabilidade e dinamismo inerentes às línguas de sinais.

O presente trabalho é um recorte de da pesquisa de Fernandes (2023)², visa apresentar as variantes em compostos morfológicos de Libras. Através de uma análise morfológica, busca-se explorar os processos de composição e as regras que governam a formação de sinais nessa variante específica, contribuindo assim para o enriquecimento acadêmico e a preservação da diversidade linguística da Libras. Com base em um sólido referencial teórico e metodológico, o estudo se propõe a identificar, analisar e documentar os sinais variantes utilizados pela comunidade surda local, oferecendo sobre a estrutura e a dinâmica da língua em um contexto regional específico, dando espaço para vários pesquisadores

Este trabalho se insere em um campo de estudo promissor, com potencial para revelar aspectos novos sobre a Libras e suas variantes regionais, contribuindo significativamente para as áreas de linguística aplicada, educação de surdos, e estudos sociolinguísticos. Ao destacar a importância de compreender a diversidade e a riqueza das variações linguísticas dentro da comunidade surda brasileira, este artigo reforça a

¹ Nomeia-se os Amapaenses de Tucuju por conta de seu povo originário os Tucujus, foram um dos primeiros a residirem nessas terras. Arquétipo identitário que é carregado pelo povo até hoje em suas músicas e festividades culturais.

² Para saber mais consultar FERNANDES (2023) em: <http://hdl.handle.net/10174/35524>



necessidade de pesquisas futuras que abordem as nuances regionais de Libras, promovendo assim uma maior valorização e reconhecimento de sua complexidade e beleza.

2. Justificativa

A justificativa para a realização de uma análise morfológica da "sinalização Tucuju" nomeada por Fernandes (2023), vindo que a uma variedade de léxico singular entre os falantes da Libras em Macapá, Amapá, e encontra-se ancorada em diversos pilares de relevância acadêmica, social e cultural. Primeiramente, do ponto de vista linguístico, o estudo das variações regionais em línguas de sinais é um campo que oferece um ponto de partida valioso para pesquisas em Libras dentro da sociolinguística e estudos dialetais. A compreensão das estruturas morfológicas específicas a determinadas regiões contribui para o enriquecimento teórico da linguística de sinais, ao mesmo tempo que amplia nossa compreensão sobre como as comunidades surdas adaptam e moldam sua língua para refletir seu contexto sociocultural único.

Além disso, a investigação de variantes regionais da Libras é fundamental para o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural dentro da comunidade surda brasileira. Ao documentar e descrever, este trabalho não apenas preserva um patrimônio linguístico regional, mas também promove a inclusão social ao validar as identidades linguísticas locais. Este aspecto é particularmente importante em um país de dimensões continentais como o Brasil, onde a diversidade regional é marcante e influencia diretamente as formas de comunicação das comunidades surdas.

Do ponto de vista educacional, o conhecimento aprofundado sobre as variantes regionais de Libras têm implicações diretas para a elaboração de materiais didáticos e programas de formação de professores e tradutores/intérpretes de Libras. Uma compreensão detalhada da morfologia



e das variantes regionais pode auxiliar na criação de estratégias pedagógicas que respeitem e incorporem a diversidade linguística, melhorando assim a qualidade da educação e o ensino de língua oferecido aos estudantes surdos.

Neste íterim, a justificativa para este estudo também se apoia na necessidade de fortalecer as bases de dados e a documentação científica sobre Libras. A escassez de pesquisas focadas em variantes regionais constitui uma lacuna no campo da linguística de sinais, limitando o desenvolvimento de políticas linguísticas e a implementação de práticas inclusivas que reconheçam a riqueza e a complexidade da comunicação nas comunidades surdas. Portanto, ao se debruçar sobre a análise morfológica da Libras, visa contribuir para a construção de um conhecimento mais abrangente e detalhado sobre a Libras, enfatizando a importância de abordagens que considerem a diversidade linguística como um recurso valioso e não como um desafio a ser superado.

3. Procedimentos Metodológicos

A metodologia é constituída com base qualitativa e uso de ferramentas de pesquisa etnográfica, com foco linguístico nos estudos morfológicos da Libras, especialmente nas composições e variantes do repertório de formação de substantivos de vários campo semânticos, considerando a variabilidade dos compostos não existirem em apenas um campo para amostra. Para compor a análise, foram consultados os escritos de Quadros (2019), Ferreira Brito (1995), Liddell (1984) e Xavier (2016) e Labov (2008) e Calvet (2002) para estratificação e organização dos dados .

Neste bojo, Lacerda & Ramalho, (2020), escreveram um guia de pesquisa na quarentena. Que tem ajudado sobremaneira, pesquisadoras e pesquisadores pelo Brasil e fora dele. Acerca da intertextualidade, assim nos dizem Lacerda e Ramalho, (2020):



Diante da dificuldade de mobilização de métodos interpessoais e presenciais em razão do isolamento social, um mergulho nos estudos da linguística pode ser fundamental para uma melhor e mais profunda análise de fontes. A intertextualidade pode ser aplicada, por exemplo, para relacionar discursos oficiais a matérias de jornais digitais. Um caminho possível seria traçar conexões entre a reportagem - distinguindo o que é a visão do repórter, a visão editorial e a notícia em si - e o discurso político oficial simbolizado pela determinação de uma dada política ou resolução. (Lacerda e Ramalho, 2020, p. 17)

Diante do exposto, foram adotados três métodos para delineamento da coleta e análise de dados, seguindo as orientações de Paiva (2019) para pesquisas linguísticas:

1. entrevistas ambientadas (online);
2. aplicação de questionário para levantamento de perfil (online);
3. utilização de questionário com imagens para coleta de sinais e diário de bordo (presencial).

Inicialmente, os colaboradores foram recrutados através das redes sociais, que naquele momento serviam como principal meio de contato devido ao distanciamento social. Realizei uma entrevista inicial para triagem de possíveis participantes que se enquadraram no perfil desejado: surdos e surdas nativos entre 18 a 29 anos que utilizam a Libras como meio de comunicação. Optei por um público mais jovem, visto que estes eram os menos vulneráveis ao vírus da Covid-19, uma vez que a coleta de dados ocorreu em outubro de 2020.

Cervo e Bervian (2002), dizem que a entrevista é uma das principais técnicas de coleta de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado. Contudo, nesse momento, teve que ser remodelado com o contexto que passávamos.

Um formulário em Língua Portuguesa e Libras, com perguntas simples e intuitivas, que quando ele não entendia a questão, realizamos uma breve chamada de vídeo e assim podíamos conversar, tanto sobre a pesquisa, quanto sobre temas relacionados à saúde, trabalho, estudos e contextos pessoais. Após essa conversa e o aceite da pesquisa via formulários Google,



marcamos o dia e hora da colaboração presencial, com todos os cuidados para o processo.

Um veículo era responsável por transportar os colaboradores até o estúdio, que era higienizado antes de cada entrevista. Neste ambiente, respeitando o distanciamento social, os surdos tinham a permissão de remover suas máscaras para facilitar a comunicação por sinais, sem obstruções visuais. Após a participação, os colaboradores eram reconduzidos às suas residências pelo mesmo veículo. Para prevenir a contaminação cruzada, as entrevistas eram realizadas em dias alternados.

4. Delineamento da Descrição e Análise dos Compostos

Neste estudo, foi possível observar diversas nuances e variantes linguísticas, bem como formular hipóteses pertinentes às questões examinadas. A análise focou em uma seleção específica de sinais, representando uma fração do escopo mais amplo investigado na tese de doutorado correspondente de Fernandes (2023). É imperativo, portanto, elucidar as regras de composição de sinais conforme delineado por Liddell e Johnson (1984, 1986, 1989) e adotado posteriormente por Quadros e Karnopp (2004). As regras definidas incluem: a) a regra de contato, que descreve a fusão de dois sinais isolados para criar um novo sinal; b) a regra da sequência única, caracterizada pela combinação de dois sinais isolados executados com apenas uma das mãos do sinalizador; e c) a regra da antecipação da mão não dominante. Quadros e Karnopp (2004, p. 103) afirmam que regras morfológicas específicas são empregadas para gerar novas unidades lexicais com significados compostos na ASL, recorrendo a: (1) regra do contato; (2) regra da sequência única; e (3) regra da antecipação da mão não dominante. Este estudo investiga a aplicabilidade dessas regras na Língua Brasileira de Sinais (Libras), visando aprofundar a compreensão de sua estrutura e uso.



Ainda procurando na literatura artifícios que sejam suficientes para explicar a construção de compostos na língua de sinais, busquei Rodero-Takahira (2015), pois a mesma fez um levantamento expressivo de características de outros pesquisadores que uniram seu pensamento e hipóteses. A formação desses de sinais por composição sequencial, foi analisada por Klima e Bellugi (1979), por Liddell e Johnson (1989) e Figueiredo-Silva e Sell (2009)³, elaborando os seguintes critérios de ordenamento e estrutura:

Klima e Bellugi (1979),

- a) os dois sinais em um composto são raízes da língua;
- b) os dois sinais em um composto formam uma única unidade não podem ser separados por outras formas;
- c) o significado do composto difere do significado dos dois mesmos sinais em uma frase;
- d) as operações gramaticais que se aplicam a um sinal que funciona sintaticamente como um item independente não aplicam ao mesmo sinal em um composto;
- e) redução ou assimilação de movimentos (Ms) ou toques.

Liddell e Johnson (1986).

- f) redução ou assimilação de Ms ou toques.

Figueiredo-Silva e Sell (2009).

- g) a ordem dos sinais em um composto é fixa (compostos verdadeiros);
- h) compostos aparentes (com dois ou mais núcleos).

Ainda, é relevante ressaltar que o critério sobre redução ou assimilação de movimentos ou toques são indagações de possíveis mudanças em relação aos aspectos fonológicos de um composto, na qual Klima e Bellugi (1979) em Rodero-Takahira (2015) destacam algumas mudanças de movimentos:

- a) o movimento no primeiro sinal do composto é diminuído;

³ Pode ser consultado em Sher e Rodero-Takahira (2020, p. 155)



- b) o segundo sinal perde repetição de toque ou movimento;
- c) se há o uso da mão não dominante no segundo sinal, ela se antecipa durante a realização do primeiro sinal;
- d) o movimento de transição entre os dois sinais é diminuído;

Os pesquisadores discutem que, essas características, estão presentes nos dois sinais, em um composto, são realizados em um mesmo tempo que a duração de um único sinal, portanto, formado por uma unidade singular afirma Rodero-Takahira, (2015).

Até este momento, há um breve posicionamento da autora sobre os processos morfológicos concatenados, sendo comum em compostos em línguas sinalizadas, onde esses construtos se mostram em execuções simultâneas com classificadores, formando novos compostos. Outro autor Meier et al, (2012) em Rodero-Takahira, (2015), refere-se à simultaneidade entre as mãos durante o ato de sinalização, que produz, ao mesmo tempo, significados que se unem para formação de um novo e considera casos expressões não manuais que se mostram como léxicos.

As Expressões não manuais - ENM aparecem fazendo parte dos cinco parâmetros da Libras destacados no capítulo anterior com a ajuda de Quadros (2019) e outros autores. É válido dizer que para alguns pesquisadores, eles delegam uma importância a três parâmetros, a Configuração de mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M), deixando como coadjuvante os outros dois, Orientação (O) e Expressões Não-Manuais (ENM). Devo me ater que Rodero - Takahira, (2015), junto com Xavier, (2014), ressurge com o as ENM, fazendo parte integral na formação de novos sinais, aqui se tratando de compostos.

Ainda nesse mesmo achado linguístico de Rodero – Takahira, (2015), em não somente trazer os movimentos, algo que considero novo, as Expressões não manuais, mas também fazer a observância dos Classificadores (CL) na busca de compostos. Em seu trabalho, descreveu sua posição a partir de análises construídas em outrora por Meier (2010), que,



classificadores em análises, eram compostos inegáveis e em outros CL, como morfemas presos.

Da mesma forma que, sozinhos, esses CL não podem ser considerados como itens lexicais, mas em combinação com outro item, como afirma Klima e Bellugi, (1979) em Rodero – Takahira (2015). e outros que ajudam a entender um particular comportamento linguístico dos surdos da cidade de Macapá.

Fazendo minhas antecipações, identificarei os termos de análise durante a explanação dos dados encontrados:

- a) os sinais simples serão identificados em caixa alta, exemplo: FAMÍLIA;
- b) os sinais compostos com dois ou mais sinais estão apresentados em letra minúscula entre parênteses com o sinal de “mais” para juntar as raízes, exemplo: (comer + meio dia).

5. Processos Metodológicos

Esse trabalho passou pelo Comitê de Ética da Universidade De Évora-Pt, junto ao Centros de Línguas CeL, onde foram lavrados os pareceres de continuidade e fluxo de pesquisa⁴.

A metodologia deste estudo concentra-se em uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios de pesquisa linguística propostos por Paiva (2019), visando explorar os compostos e as variantes morfológicas da Libras em Macapá, Amapá. Utilizou-se um conjunto específico de técnicas para coletar e analisar os dados:

O estudo contou com uma de 12 participantes surdos, igualmente divididos por gênero, sendo 6 homens e 6 mulheres. As idades dos colaboradores variaram entre 18 a 29 anos, todos com níveis de educação que abrangem desde o ensino médio até o ensino superior em andamento.

⁴ (<https://www.uevora.pt/universidade/organizacao/outros-orgaos/comissao-etica>)



Uma característica comum entre os participantes é o aprendizado de Libras há mais de 10 anos, evidenciando uma profunda integração com a comunidade surda. Além disso, todos residem na cidade de Macapá, Amapá, há no mínimo uma década, e mantêm contato regular com a Libras durante esse período, destacando a constância da interação com a língua e a cultura surda.

5.1 Coleta de Dados

Entrevistas, realizadas para obter ideias sobre o uso e a percepção dos sinais variantes em compostos pelos participantes e conversas ambientadas utilizadas para observar a comunicação natural entre os colaboradores em um ambiente controlado e protegido, pois essa coleta aconteceu em 2020 durante o processo de disseminação da COVID-19, vivenciado mundialmente. Onde foram provocados *Inputs* imagéticos, documentados através de filmagens, focando na demonstração de sinais variantes pelos participantes, fruto desta análise a seguir.

6. Análise de Dados

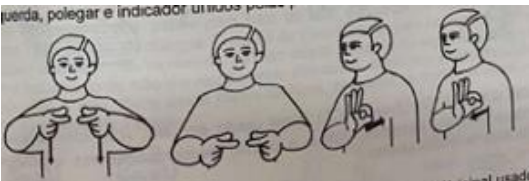
Baseou-se em referenciais, destacando-se as obras de Capovilla (2019) para comparação de sinais, junto ao sign banks (<https://signbank.libras.ufsc.br/pt>) e Quadros & Karnopp (2004) para a estrutura de Libras; Xavier e Barbosa (2014), e Rodero-Takahira (2012, 2015, 2020) para compostos e morfologia. A análise foi orientada pelos conceitos da linguística sociovariacionista de Labov (2008) e Calvet (2002), permitindo uma investigação das variantes.



Quadro 1. Substantivos pesquisador

Ordem	Sinais	Sinalização
01	Beija - flor	V1  Sinal usado em: (SP).
		V2  Sinal usado em: (PR, PE, DF, RJ, MS). V3  Sinal usado em: (PE). V4  Sinal usado em: (PE).
02	Cebola	V1  Sinal usado em: (SP). V2  Sinal usado em: (MG, PR, CE, DF).



		V3  Sinal usado em: (MS, BA, RS, PR, SC).
03	Delegacia	V1  Sinal usado em: (RJ, RS). V2  Sinal usado em: (MS, RS).
04	Farmácia	 Sinal usado em: (SP, RJ, MS, MG, PR, CE, SC, RS, DF).

Fonte: Capovilla, (2019) em Fernandes (2023) adaptado.

A análise subsequente foi realizada com base em regras morfológicas e características fonológicas, a fim de destacar o valor singular e a distinção dos sinais em questão. Optei pelo uso de imagens para fornecer um reforço visual, e adicionei *hiperlinks* e códigos QR para que os leitores pudessem acessar os vídeos correspondentes e visualizar cada sinal analisado.

Nesta pesquisa, foram estudados 15 compostos. No entanto, devido à natureza deste texto, serão apresentados apenas 4 (beija flor, cebola, delegacia e farmácia), destes na análise a seguir, com o objetivo de destacar



as características distintivas dessas variantes específicas, para saber mais podem acessar o detalhamento de dados em Fernandes (2023).

6.1 Sinal de Beija-flor

Assim como no fonema anterior, levo em consideração as pesquisas da Felipe (2006), Rodero-Takahira (2015); Ferreira (2014), para construir minha lente analítica. Em minha busca por variantes, me deparei com quatro delas, nos dicionários de Capovilla (2019), nesse contexto abriu meus olhos para mais uma variante, ilustrada na figura seguinte, através de dois colaboradores que identifiquei com o número 2 (dois).



Fonte: Elaborado pelo autor: Link para visualização do sinal:
<https://youtu.be/vv6Z6h5uIwA>

Através da análise deste sinal, pude constatar que existiram quatro variantes semelhantes. Contudo, a mudança se dá na orientação e configuração das mãos no sinal de (asas) que entre os colaboradores homens, dois fazem (1), (passarinho + flor) e dois fazem (2), (passarinho + asa) e outros dois indicam que não sabem o sinal, (3), um destes tenta fazer, mas depois diz não lembrar como é o sinal; já entre as mulheres acontecem uma breve distinção na orientação das mãos. E, a variante apresentada também não está catalogada no dicionário de Capovilla, (2019) e no SingBanks.



Figura 2. Coleta de dados do sinal de Beija-flor (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelo autor: Link para visualização do sinal:
<https://youtu.be/kgZC21QvciM>

Entre as colaboradoras mulheres, duas disseram não lembrar o sinal (1), as demais realizaram o sinal, mas com variação no sinal ASA (2). Assim, de acordo com os estudos da Felipe (2006), Ferreira (2014) no sinal analisado, temos tanto uma aglutinação, quanto uma justaposição na composição do sinal beija-flor.

Ferreira, (2014), diz que "Por exemplo, o sinal IGREJA em que se realiza dois sinais já existentes na Libras que são CASA e CRUZ simultaneamente, estes dois sinais são realizados em sua totalidade, um após o outro, formando então o terceiro item lexical" (p. 321). A análise fonológica aborda a estrutura de um sinal em Libras, destacando características cruciais. Ambas as mãos, dominante e não dominante, apresentam a configuração B+1. O sinal é executado com simetria (lateralidade 2s), em uma localização neutra, especificamente no espaço neutro à frente do sinalizador.

Na análise do sinal BEIJA-FLOR, se realiza com os sinais de flor + asa simultaneamente e dão origem ao sinal BEIJA-FLOR e mesmo na variação passarinho + flor, feito por dois das colaboradoras, ainda assim se tem a justaposição, uma vez que os sinais já existentes são realizados em sua totalidade.



Aqui eu posso indicar o surgimento de mais uma variante, não apresentada nos dicionários de Capovilla (2019), que é importante ser destacada pois se faz presente na glosa de 4 pessoas surdas, dois homens e duas mulheres, e com uma distinção na orientação de mão entre os gêneros, que pode ser um sinal de que temos mudanças de sinalização entre homens e mulheres como considera Vieira (2010), em estudos de línguas orais, esse é mais um caminho a ser desvendado em pesquisas futuras deste ou de outros pesquisadores, pois tal pesquisa ainda não tinha sido realizada com a Libras.

6.2 Sinal de Cebola

Este sinal mostrou ter dois comportamentos distintos, quais sejam, o primeiro que ele se mostrou dentro de uma estrutura que posso conferir como uma composição, nos moldes de Quadros e Karnopp, (2004). Em oito dos colaboradores, a composição se dá por aglutinação, isto posto de acordo com Ferreira, (2014), uma vez que os sinais tinham CEBOLA (chorar + cortar).

Figura 3. Coleta de dados do sinal de Cebola (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal: <https://youtu.be/guTbgh-cSFg>



Figura 4. Coleta de dados do sinal de Cebola (Homens)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal:
<https://youtu.be/tDb9WIhfX2g>

Foi possível se verificar as seguintes sinalizações:

- (i) CHORAR (com dedo indicador) + CORTAR (um corte);
- (ii) CHORAR (com a mão configurada em A) + CORTAR (um corte), presente em maior número entre as surdas;
- (iii) CORTAR (um corte) + CHORAR (com a mão configurada em A);
- (iv) CHORAR (com a mão configurada em A);

6.3 Sinal de Delegacia

Esse sinal, desde que comecei a fazer parte da comunidade surda, na Libras, o reconheci como uma composição, sendo sempre sinalizado como (casa + policial/polícia) e durante a varredura de sinais nos dicionários, pude comprovar minhas percepções e vivências. Mas, diante desta pesquisa, deparei-me com uma sinalização diferente do que estava habituado.

Dentre as amostras apresentadas os surdos somente sinalizaram um sinal, não colocando este como um sinal composto. É perceptível que o sinal do policial sintetiza a informação, havendo nesse sentido uma breve supressão do sinal de composto que outrora era realizado com DELEGACIA (casa + polícia), na figura abaixo é possível visualizar esta sinalização.



Figura 5. Coleta de dados do sinal de Delegacia (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal:
<https://youtu.be/fzUnj1aJP4E>

No entanto, sabe-se que está presente na composição do sinal. O que Ferreira, (2014), a partir dos estudos da Felipe (2006), chamou de composição por aglutinação. E ainda, de acordo com Quadros & Karnopp, (2004) neste caso cabe a regra (2), ou seja, da sequência única, quando um dos sinais é suprimido, pois é executado apenas com uma das mãos do sinalizante. Neste mesmo momento, uma colaboradora sinaliza um termo ainda não visto por mim, para nomear a delegacia. As outras usaram um mesmo sinal e somente (1) delas usou um sinal ainda mais distinto, outra variante do sinal, que é possível ver na figura 6, logo abaixo.

Figura 6. Coleta de dados do sinal de Delegacia variante (Mulher)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal:
<https://youtu.be/zblWBzA-zlI>

Somente dois deles fizeram um sinal composto DELAGACIA (casa + polícia), e que identifico como uma composição por justaposição e que é catalogada nos dicionários de pesquisa consultados, como o já mencionado



Capovilla, (2019). E seguindo os estudos de Quadros e Karnopp, (2004), o sinal feito segue a regra (1), da regra do contato, ou seja, DELEGACIA (casa + polícia).

Adiante, nos sinalizantes masculinos, poderemos ver esse sinal sendo usado em momentos isolados e em outros acompanhado do sinal de polícia. Fato este, que me leva a pensar que os colaboradores acabaram por pontificar mais um sinal correspondente para a imagem e fica complexo perceber se estes são sinais isolados formando um novo nas regras habituais de compostos ou apenas a sinalização de termos isolados, sendo mostrados para dar validação para o outro.

Figura 7. Coleta de dados do sinal de Delegacia (Homens)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal:
<https://youtu.be/S5jdyMkFd04>

E ainda seguindo os escritos de Quadros e Karnopp, (2004), os sinalizantes na imagem (2) da figura 7, seguiram a regra (2), ou seja, da sequência única, quando dois sinais isolados se juntam para formar um terceiro, contudo a execução é feita somente por uma das mãos e por isso, um destes é suprimido, mas é importante dizer que não deixa de existir. É uma composição por justaposição.



6.4 Sinal de Farmácia

sinal, pois ele estava no mesmo contexto de outros sinais compostos, como:

- i) ESCOLA – (casa + estudar);
- ii) DELEGACIA – (casa + policial);
- iii) AÇOUGUE – (casa + carne);
- iv) IGREJA – (casa + cruz);
- v) PADARIA – (casa + pão);
- vi) HOSPITAL – (casa + médico);
- vii) FARMÁCIA – (casa + amassar).

É instigante pensar e repensar todos os constructos até aqui pesquisados e perceber que ainda terá um universo de possibilidades linguísticas a serem percebidas durante o contato com os surdos.

Neste momento de pesquisa, acabei por perceber que o sinal dominante, que se mostra entre os colaboradores, não está presente no dicionário analisado. Nele, se apresenta outro sinal que não tem características de uma composição. Por Capovilla, (2019) temos o sinal de farmácia representado por um único sinal que em outros contextos pode significar remédios ou medicações.

Contudo, o sinal executado pelos colaboradores homens, além de apresentar uma variante, aparentemente da Libras de Macapá, pois não está dicionarizada, ainda se enquadra de acordo com os estudos morfológicos, de Quadros e Karnopp (2004), uma composição por justaposição, ainda de acordo com estas autoras, aparece a regra (1), ou seja, a composição derivacional em que os sinais isolados são executados em sua totalidade, por ambas as mãos do sinalizador, dando origem a um terceiro sinal, FARMÁCIA (pílula + amassar).



Figura 8. Coleta de dados do sinal de Farmácia (Homens)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal:
<https://youtu.be/4Qg7553JJ38>

Figura 9. Coleta de dados do sinal de Farmácia (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelo autor - Link para visualizar os movimentos do sinal:
<https://youtu.be/o-HUFa1vgUY>

Em relação às mulheres, na figura 9, realizam o mesmo sinal já direcionado por Capovilla, (2019), para FARMÁCIA. O que morfologicamente não é tido como uma composição, pois apenas um sinal é usado em sua execução, sem supressões.

Entretanto, a colaboradora que usa a variante, se encaixa na mesma usada pelos homens, se enquadrando numa variante morfologicamente descrita por uma composição por justaposição, quando dois sinais se unem para formar um terceiro, isto aos moldes de Quadros e Karnopp, (2004). Sendo assim o sinal FARMÁCIA (pílula + amassar). Além, do precedido a prima vista, pude identificar mais um alofone. Em que o sinal de amassar usado com a mão configurada em (S), toma uma modificação em sua forma, colocando o polegar aparente no ato de sinalizar aqui indicado na figura 9, pelas mulheres.



7. Considerações Finais

A pesquisa apresentou aspectos dentro da sociolinguística sobre os compostos na Libras, especialmente focando no uso específico de sinais em Macapá, Amapá colaborando com surdos e surdas. Através da descrição e análise de variantes ainda não registradas em glossários nacionais e banco de dados, foi possível observar modificações na formação dos sinais. Essas alterações, sejam criações de novos sinais, variantes ou alofones, refletem a dinâmica de adaptação e identidade das comunidades surdas locais, podendo-se verificar futuramente a influência de sua idade ou nível educacional aos moldes estratificados Labovianos.

Este estudo abre caminho para futuras pesquisas ao destacar a existência de variantes distintivas de sinalização em Macapá, conhecido como "jeito Tucuju", que reflete as particularidades sociolinguísticas do norte do Brasil. Longe de se distanciar da Libras utilizada nos grandes centros urbanos, essa variação local reforça a identidade regional dentro de uma perspectiva decolonial, marcada por suas próprias variantes e dialetos.

Apesar das limitações impostas pelo contexto pandêmico, o estudo conseguiu explorar e contribuir significativamente para o entendimento da Libras em Macapá. As descobertas indicam a necessidade de expandir a pesquisa para outros grupos e contextos extralinguísticos, visando compreender as interações dessa comunidade sinalizante.

Em conclusão, esta pesquisa ressalta a complexidade e a riqueza do estudo da Libras, com especial enfoque na formação de compostos e nas variações regionais. Destaca-se a necessidade de mais pesquisas e análises detalhadas nesta área. Como contribuição para futuros trabalhos, os dados coletados foram organizados em um banco de dados e disponibilizados no



Youtube⁵, oferecendo uma valiosa fonte de informação para pesquisadores interessados em explorar essas variantes sob outras perspectivas.

⁵ Para acessar o banco de dados:
https://www.youtube.com/playlist?list=PLhovJLI15HcXBz0-pxoienaO6_0Y6P_6L



Referências

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos/ Volume I, II, III: Sinais A a Z**. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CALVET, Louis-Jean, **Sociolinguística: uma introdução crítica**; tradução Marcos Marcionilo.- São Paulo: Parábola, 2002.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FERNANDES, Fernando. **Formação de sinais e variações morfológicas da Libras em Macapá - Brasil**. (<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/35524>). Programa de Doutorado em Linguística da Universidade de Évora, Portugal. 2023.

FERREIRA, Flancieni. **A morfologia em Libras. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filosofia e Política Linguística de Ensino**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/023.pdf.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FELIPE, T. **Os Processos de Formação de Palavras na Libras**. Educação Temática e Digital, Campinas, v. 7, nº 2, 2006. <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. **Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS**. 2009. Disponível em: http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA_SELL.pdf.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LABOV. W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Cardoso. SP: Parábola, 2008.



LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís. **Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social**. Laboratório de Humanidades, 2020.

LIDDELL, S. K. **Trink and Believe: sequentially in american sign language**. Language, 1984.

LIDDELL, S. K. **American Sign Language Compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants**. Natural Language and Linguistic Theory, 1986.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. **American Sign Language: The Phonological Base**. Sign Language Studies, n. 64, p. 197–277, 1989.

MEIR, Irit. **Word Classes and word formation**. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (Eds.). Sign Language: an international handbook. DE GRUYTER MOUTON, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RODERO-TAKAHIRA. Aline Garcia. **Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2012.

_____, A. G. . **Compostos na língua de sinais Brasileira**. Tese (doutorado em Linguística) – Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____, Aline Garcia e SHER, Ana Paula. **Classificando os compostos da Libras**. Revista Porto das Letras, Vol. 06, N° 06. 2020. Descrição e Análise Linguística da Língua Brasileira de Sinais, 2020.

QUADROS, Ronice Muller e Karnopp, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras (linguística para o ensino superior)**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Libras Signbank**. Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/1495>.



VIEIRA, Marília. S. **O gênero e os fenômenos de variação na fala.** Diásporas, Diversidade, Deslocamentos. Revista fazendo Gênero, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278282124_ARQUIVO_Ogeneroeosfenomenosdevariacaonafala.pdf.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?** Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. D.E.L.T.A, vol. 30, nº 2, 2014